

## **EVIDENCIANDO O LUGAR NA CIDADE E TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A COMUNIDADE DE BATINGAS NO AGRESTE ALAGOANO – BRASIL**

Paul Clívilan Santos Firmino<sup>1</sup>

Dênis Carlos Silva<sup>2</sup>

*“O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações, da espontaneidade e da solidariedade” (Santos 1996, p. 258).*

### **Nota Introdutória**

Após a segunda metade do século XX o acelerado processo de globalização da economia que vem acompanhando a humanidade, tem (re)definido o andar da sociedade contemporânea, caracterizando-se pelas perversidades, perceptíveis, sobretudo na perspectiva dos lugares que se constituem em receptáculos dos novos conteúdos que lhes caracterizam e legitimam. Em meio a esse contexto a cidade passou a comportar atividades modernas e, conseqüentemente, globalizadas, que se faz refletir no cotidiano dos seus lugares que se mostram fragmentados.

O presente processo é marcado pela velocidade da informação e da tecnologia, trazendo consigo elementos diversos que se relacionam entre si, resultando em um mundo mais superficial, que nos levam a crer que transformações profundas advindas desse processo darão um mundo de possibilidades iguais para todos, porém a globalização emerge de acordo com suas próprias necessidades e com as regras do mercado.

---

<sup>1</sup> Aluno do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); Bolsista da FAPEAL no Núcleo de Estudos Josué de Castro. Arapiraca – Brasil.

<sup>2</sup> Aluno do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Bolsista da FAPEAL no Núcleo de Estudos Josué de Castro. Arapiraca – Brasil.

A globalização como uma das características mais importante desse período da história, deve ser vista à luz das perversidades que acarreta sobre grande parte do planeta, especialmente nos países da periferia do capitalismo, desmistificando os seus fetiches, mostrando a realidade como ela verdadeiramente se mostra, paradoxal, a exemplo de relações como escassez x abundância; inclusão x exclusão, dentre outros. Sempre na perspectiva do lugar, entendido com como espaço marcado pela solidariedade.

### **O Mundo da Globalização Perversa**

Nessa fase atual da história fala sobre o mundo implica em dialogar com a globalização e, a universidade não só nos reserva a possibilidade de ter esse dialogo como também pensar profundamente acerca do tema e de outras questões a ele pertinente e que dificilmente são discutidas com mais rigor fora desse universo.

O processo em marcha deixa evidente que estamos num mundo marcado pela contradição: de um lado a escassez e a miséria, do outro os avanços da tecnologia e da ciência. Os atores hegemônicos desse processo impõem uma idéia de mundo de iguais possibilidades para todos. Mas, a verdadeira cara da globalização favorece a um confronto que vem se intensificando a cada dia entre o espaço local e o espaço global. O primeiro, entendemos como espaço vivido por todos os seus habitantes e conhecido em todos os cantos. O segundo é o espaço habitado por um processo racionalizador que chega a cada lugar com objetos e normas estabelecidas para servi-lo. Ou seja, como “um conjunto de possibilidades que abriga um rearranjo das fronteiras, dando novos mapas políticos da globalização”, conforme nos ensina Santos (1994, p.12).

A globalização tem a competitividade como centro de tudo, a qual exclui todo e qualquer tipo de compaixão, desconhecendo todo sentimento em relação ao outro que vem dos participantes desse processo, gerando assim uma violência que é fruto das grandes empresas, dos atores hegemônicos e do Estado. Essa globalização faz o homem regredir a época do homem primitivo, “cada um por si”, o que era para ser a serviço da humanidade é simplesmente um meio de competir, tendo como norma principal, a guerra, ampliando a pobreza e diminuindo a moral e o intelectual das pessoas.

Dessa maneira, vivemos em um mundo doentio e transformado por tal processo, que impõe mudanças que refletem no cotidiano de cada lugar, e este surge para contrapor a todos os malefícios e efeitos perversos da globalização.

### **O Lugar como Reflexo do Mundo Presente**

O lugar é entendido o espaço da prática cotidiana, do acontecer solidário. É a partir dele, do lugar que vemos o mundo (o passageiro, o imposto de fora). Segundo Souza (1997, p. 2) “os lugares parecem revelar todas as contradições do mundo: nos lugares esse mundo se revela cruel, perverso, tornando o cotidiano de cada um quase uma fatalidade”. A relação dada nos lugares é sob certo ponto de vista entre racionalidades e contra-racionalidades. Racionalidades impostas pelos atores hegemônicos aos lugares e as contra-racionalidades como resistência a essas imposições. Consequente fica evidente que no lugar há um verdadeiro “mar” de perversidades impostas pelo mundo. Dessa forma,

“O mundo, nas condições atuais, visto como um todo é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, nos restitui o Mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar estamos condenados a conhecer o mundo, pelo que ele já é, mas também pelo que ainda não é”. (Santos, 1994).

As conseqüências das transformações deixadas pelo mundo nos lugares, faz-se sentir primeiramente na exclusão dos menos favorecidos dentro do processo de globalização. Aí vamos identificar as racionalidades desse processo que carrega consigo a perversidade, conforme citado anteriormente; mas que acena a um novo caminho para repensar o mundo, de que forma quer esse e o lugar, possam ter uma relação mais harmoniosa e sensata. Conforme Souza (1996, p.5), “o lugar, de maneira geral, é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível. Mas também um espaço orientado, um espaço de orientação”. Um espaço que não obstante todos os percalços, sobrevive a ordem globalizante, onde a vida cotidiana ainda se faz sentir a partir das práticas mais singelas, dos pontos de convergência da população, espaços que seguem a experiência do morador e lhe possibilita perceber a fluidez e as coisas comuns dos seus entornos.

Malgrado o avanço da globalização, a cidade, sobretudo a cidade interiorana ainda conhecem esses espaços. É importante que aqui não confundamos a cidade com o lugar.

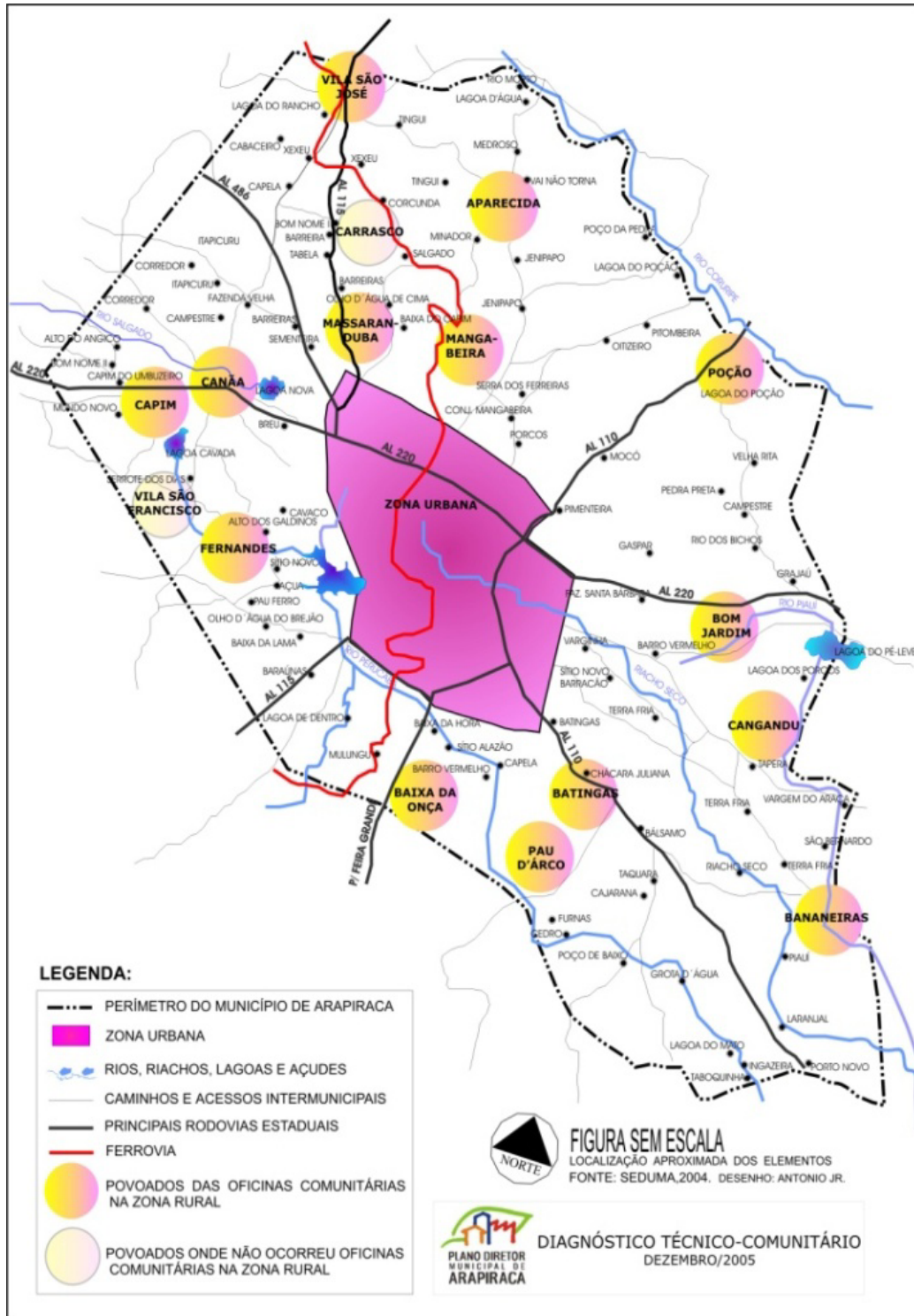
Existem entre ambos, certas diferenças, podemos ver a cidade pelas suas formas, ícones e etapas que percorre a sua evolução. Já o lugar, pelo contrário se mistura com o cotidiano, não possuindo certos elementos da cidade. O lugar dentro da cidade precisa ser visto através dele próprio em conjunto com o cotidiano. Contudo os lugares da cidade são produzidos sem planos, o lugar é compartilhado por indivíduos, é onde a informação se concretiza. Nas últimas décadas do século XX, as técnicas passaram a envolver o homem com mais intensidade, contrariando a esfera das crenças, das paixões, fazendo com que nos tornemos alienados. Entretanto em meio a esse embate emerge uma das características mais importante desse processo; ou seja, a resistência do lugar contrariando a lógica racionalizante. Dessa forma, dialeticamente o lugar se contrapõe a globalização, pois conforme Santos (2006, p. 321) “se confunde com ela” ao considerar a dialética existente entre o local e o global.

Diante dessas observações a propósito do lugar, pode-se perceber que ele resiste a as contradições que o mundo o revela. Na verdade, á através dele, do lugar, que o mundo se mostra como verdadeiramente é, cruel, perverso, desigual; para entendê-lo e compreender o discurso da globalização e as desigualdades é preciso saber quais são as qualidades dos lugares. Estes permitem ser compartilhados entre pessoas, firmas e instituições, sendo que cada um vai exercer sua própria ação, trazendo como consequência uma individualização e tendo a cooperação e o conflito como a base da vida em comum. Portanto a seleção perversa a que os lugares estão sujeitos é realizada segundo aos interesses de certos grupos.

### **Batingas e as Perversidades da Globalização**

Batingas se constitui numa comunidade localizada além da zona urbana da cidade de Arapiraca, localizada na Mesorregião do Agreste, do estado de Alagoas. É a segunda cidade do estado, distando 128 km da capital estadual – Maceió, e possui uma população de 202.398 habitantes (IBGE, 2007). Por sua vez, Batingas se caracteriza pela vida simples e as atividades ligadas ao campo (é o principal centro produtor de hortaliças do município), bem distante da dinâmica da cidade, apresentando um cotidiano que muito dela se distancia, no que se refere ao comércio, os serviços, a circulação e, conseqüentemente práticas cotidianas também.

## Localização de Batingas em Arapiraca



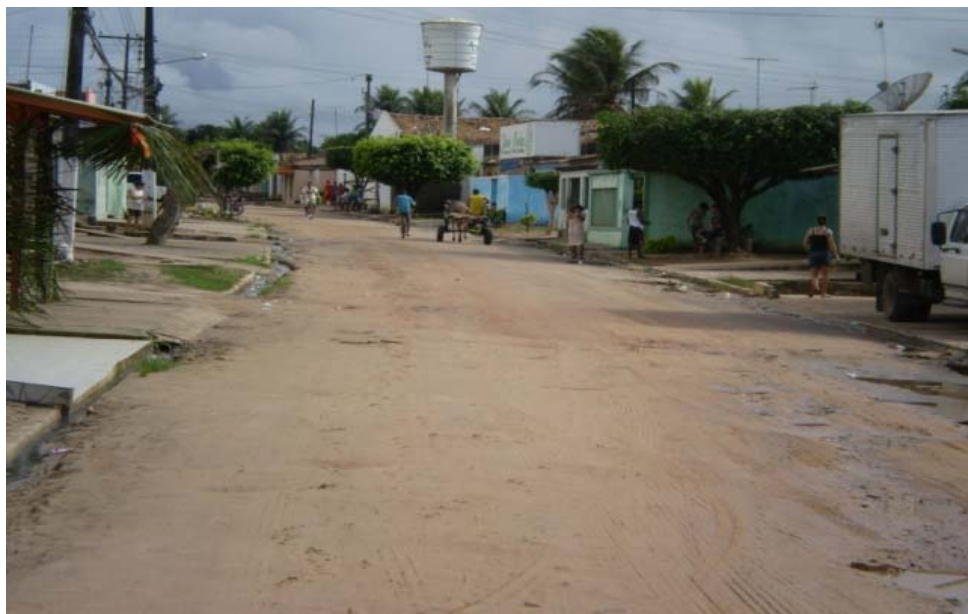
Fonte: Prefeitura Municipal de Arapiraca

Arapiraca como centro dinâmico, prestador de serviços do interior alagoano, comporta atividades modernas e conseqüentemente globalizadas. O que pode ser observado no seu vasto e variado comércio que atrai pessoas de toda a região e até de estados vizinhos, concentrando de forma direta ou indireta atividades da sociedade global que em alguns locais ela aparece de forma mais perversa do que em outros, daí o lugar surgir como resistência a todas as transformações do mundo. Se contrapondo a globalização, ainda que possa vir a se confundir com ela, como adverte Santos (2006, p.321).

A implementação da AL – 110 no decênio de 1970 foi fundamental para uma maior fluidez da população de Batingas, que passou a vivenciar mais intensamente a realidade municipal, através de ir e vir; ao mesmo tempo em que propiciou o advento de um comércio local que vem reconfigurando a realidade do lugar.

Em consonância com esse processo, os diversos tipos de redes inseriram Batingas em um novo contexto, colocando-a em sintonia com o mundo. Conseqüentemente redefinindo a sua realidade, agora condicionada pelas perversidades da ordem global que paulatinamente foi lhe descaracterizando. Em meio a essa transformação Batingas se transformou em um mundo competitivo e vem passando por um processo de transformação perante as influências da globalização.

**Foto 01-** Vista Parcial de Batingas (Av. N. S. das Graças)



**Fonte:** Acervo Particular do Autor. 2008.

Observamos um quadro de pobreza crescente, já que os habitantes do lugar foram seduzidos pela informação alienante que o distancia cada vez mais da sua realidade, das suas raízes. A cultura de massa é outra ameaça premente, através dos meios e comunicação de massa vem cada vez mais impondo elementos e signos da lógica racionalizante e, com isso vai diluindo as tradições que fizeram de Batingas um lugar singular no contexto municipal.

**Foto 02** – Aspectos da Pobreza (Perversidade)



**Fonte:** Acervo Particular do Autor. 2008.



Não obstante as imposições dessa ordem global, a vida cotidiana que permeia o lugar, ainda se faz sentir a partir das práticas mais singelas, como a ida a rezadeira, o encontro na padaria, no mercadinho ou nas raras bodegas ainda existentes e que também se constituem em “pontos de convergência da população, ou ainda, a conversa na calçada nos fins de tarde com o jogo de cartas e/ou de dominó; a pelada e o jogo de bola de gude (chimbra) dos meninos, o andar por suas ruas... A festa da padroeira (Nossa Senhora das Graças) que todo mês de novembro muda o ritmo do lugar, proporcionando uma maior aproximação entre os seus habitantes.

**Foto 03** – Bodega



**Fonte:** Acervo Particular do Autor. 2008.



**Foto 04** – Rezadeira



**Fonte:** Acervo Particular do Autor. 2008.

Percebemos dessa forma, que apesar das transformações decorrentes da globalização, o lugar se mantém e consiste num cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições, sendo o conflito e a cooperação a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se desterritorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade.

## Considerações Finais

“O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações, da espontaneidade e da solidariedade” (Milton Santos 1996, p. 258). Nesse sentido, podemos entender e aprender às duas faces que estão presentes dentro do lugar, as perversidades impostas pelo mundo e as diversas manifestações de solidariedade por parte dos moradores do lugar.

Contudo, nesse início de século XXI é importante entender e compreender o mundo, a falácia da globalização, as desigualdades, os diversos usos do território, é preciso ter consciência das especificidades dos lugares, suas diversas densidades e solidariedades. Os lugares ganham do mundo certo tipo de racionalidade, enxergando à relação perversa a que eles estão sujeitos, as novas realidades do mundo se impõem aos lugares afetando, assim a sua existência.

Apesar de toda perversidade causada pelas bases da técnica, das ciências e da informação, é possível pensar em outra globalização diferente desta que está aí, isso, se a as bases que causam essa perversidade forem postas aos serviços dos fundamentos políticos e sociais.

O mundo atual pode ser mudado, porém as condições materiais que ele oferece têm que sofrer grandes mudanças, sendo que está vai depender de como a política vai aproveitar as condições materiais. Por isso pode-se dizer que a globalização é irreversível, e que a materialidade que atualmente está sendo usada para construir um mundo perverso, poderá ser uma condição para a construção de um mundo mais humano e solidário como se observa dentro dos verdadeiros lugares ainda existentes.

## Referências

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006 (Coleção Milton Santos; 1).

\_\_\_\_\_. **Por uma Outra Globalização** – do pensamento único à consciência universal. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. SILVAIRA, Maria Laura. SOUZA, Maria Adelia Aparecida de (Orgs.). **Território, Globalização e Fragmentação**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Território Brasileiro**: usos e abusos. Campinas: Territorial, 2003.